

---

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

---

Revista  
**Didática Sistêmica**

---

SEMESTRAL

ISSN: 1809-3108

---

## **O ECOLOGISMO DAS FAMÍLIAS PARTICIPANTES DAS CASAS FAMILIARES RURAIS DA REGIÃO TOCANTINA, PA**

Edilene Santos Portilho<sup>1</sup>  
Luís Mauro Sampaio Magalhães<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Nas Casas Familiares Rurais são realizadas experiências educativas autônomas em que é aplicada a pedagogia da alternância. O presente estudo tem como referência as *Casas* dos municípios de Tucuruí, Cametá e Igarapé-Miri no estado do Pará. A metodologia adotada consistiu em observação participante, que gerou instrumentos de registro; estudo individual, através de visitas às localidades em estudo, oficinas temáticas de “Educação Ambiental” e estudo em grupo. O método oferece grandes possibilidades de adaptação às características culturais e aos objetivos das famílias. Além disso, este modelo pedagógico está diretamente adaptado às condições e possibilidades do ambiente rural.

**Palavras-chave:** pedagogia da alternância, meio rural, casas familiares rurais, natureza.

### **ABSTRACT**

At the *Casas Familiares Rurais* there are carried out educative autonomous experiences in which the pedagogy of the *alternancia* is applied. The present study takes as a reference the Houses of the local authorities of Tucuruí, Cametá and Igarapé-Miri in the state of the Pará. The adopted methodology there consisted of observation participant, who produced instruments of register; individual study, through visits to the towns in study, thematic workshops of “Environmental Education” and group studies. The method offers great means of adaptation to the cultural characteristics and to the objectives of the families. Besides, this pedagogic model is straightly well-adjusted for the conditions and means of the rural environment.

**Keywords:** alternation pedagogy, rural sphere, rural familiar houses, nature.

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências - UFRRJ; [edipara@bol.com.br](mailto:edipara@bol.com.br)

<sup>2</sup> Prof. Departamento de Ciências Ambientais - IF/UFRRJ; [mauro@terra.com.br](mailto:mauro@terra.com.br)

## **Introdução**

Nas Casas Familiares Rurais são realizadas experiências educativas autônomas em que é aplicada a pedagogia da alternância. Há dezenas de Casas Familiares Rurais na Amazônia, inclusive na região Tocantina e, o presente estudo tem como referência as *Casas* dos municípios de Tucuruí, Cametá e Igarapé-Miri no estado do Pará.

Um importante elemento de abordagem deste trabalho constituiu-se da experiência político-pedagógica adotada nas Casas Familiares Rurais, correlacionando-a aos ideais amadurecidos ao longo da história de luta de seus protagonistas. Ao tratar da temática aqui proposta, foi necessário relatar as condições de vida dos lavradores e das lavradoras, bem como as dimensões da questão agrária, social e ambiental daquela região.

Neste sentido, foi dado enfoque ao saber ecológico das famílias que dirigem as Casas Familiares Rurais nos três municípios citados e, como estas famílias estão se estruturando pela prática da agricultura familiar e da educação. Essas experiências apresentam-se balizadas pela relação homem-natureza, específica e diferenciada do sistema social e econômico vigente.

A temática aqui enfatizada foi possível a partir de informações geradas em momentos vivenciados com as famílias, que vivem no meio rural nos municípios de Cametá e Igarapé-Miri, no estado do Pará.

## **Material e métodos**

A metodologia adotada consistiu em: 1- A observação participante, que gerou instrumentos de registro que contribuíram a fim de entender parte da dinâmica do contexto que envolve as *Casas Familiares Rurais*; 2- O estudo individual sobre as Casas Familiares Rurais iniciou de maneira direcionada em junho de 2006, através de visitas às localidades em estudo. Estas visitas permitiram observar pontos peculiares das populações e do ambiente rural amazônico; 3- As oficinas temáticas de “Educação Ambiental” aos jovens das três Casas Familiares Rurais em estudo, estas oficinas permitiram acompanhar os conceitos e vivências dos estudantes e monitores sobre os seus saberes; e 4- Estudo em grupo através do Grupo de Estudos da Amazônia (GEA) que discute temáticas da Amazônia, principalmente das áreas visitadas desta região. Este Grupo tem como atividades encontros permanente para reuniões e estudos, além dos estágios de vivências.

### **As especificidades das populações do meio rural da Amazônia e o ecologismo popular**

O meio rural da Amazônia é extremamente complexo e diversificado. É um ambiente que envolve populações étnica e socialmente diversificadas como: indígenas, caboclos e migrantes. Essas populações são extrativistas, pescadores, artesãos, lavradores, etc. (HÉBETTE, 2004:294. vol III). As características das populações são determinantes na formação da diversidade social e cultural. Conforme Edna Castro, o estudo dos saberes de grupos indígenas e comunidades tradicionais são de extrema importância, pois no universo de construções de saberes, vale conhecer práticas e representações de diferentes grupos que “conseguiram ao longo do tempo, elaborar um profundo conhecimento sobre os ecossistemas, conhecimento que lhes garantiu até hoje a reprodução de seu sistema social e cultural”. (CASTRO, 2000:165-166).

Essas famílias possuem com isso um ecologismo próprio e podem ser relacionado às definições de Alier e Henrique Leff, utilizaremos suas definições como referenciais à corrente ambientalista definida pelo autor como um ecologismo específico. Pode ser chamado também de ecologismo camponês, citado por Leis e Viola (1991:44), aquele praticado pelas famílias em pequenas propriedades rurais que valoriza sistemas e modos de produção e de vida com vista ao desenvolvimento de tecnologias apropriadas de baixo impacto ambiental e de organizações sociais baseadas em redes comunitárias. Podem-se citar os ribeirinhos e os lavradores da terra firme da região em estudo como integrantes do seguimento ecologista mencionado.

A ocupação da Amazônia é tida como um histórico de conflitos entre classes sociais, e todo esse processo está ancorado ao uso/apropriação/exploração dos recursos naturais. E as famílias (participantes também das Casas Familiares Rurais) estão hoje entre os grupos que, desde a época do “boom” da integração da Amazônia, lutam pelas questões socioambientais que na região de alguma forma frearam essa corrida pela devastação das florestas.

Essa história de resistência foi assistida na transamazônica, onde a organização social se consolidou a partir da década de 80, quando o regimento militar estava perdendo sua sustentação. Este era um momento de abertura política, que coincide com a maturação de uma geração de atores sociais ansiosos em agir por iniciativa própria (Hébette, 2004:126). A ação do movimento popular, que pode ser definido como:

O movimento pela justiça ambiental, o ecologismo popular, o ecologismo dos pobres, nascidos de conflitos ambientais em nível local, regional, nacional e global causados pelo crescimento econômico e pela desigualdade social. Os exemplos são os conflitos pelo uso da água, pelo acesso às florestas, a respeito das cargas e contaminações e o comércio ecológico desigual, questões estudadas pela ecologia política. (ALIER, 2007:39).

Henrique Leff (2002) também dá contribuições para o entendimento do surgimento do movimento ambientalista nos países como o Brasil:

O movimento ambientalista nos países pobres surge em resposta à destruição da natureza e ao esbulho de suas formas de vida e de seus meios de produção; são movimentos desencadeados por conflitos sobre o acesso e o controle dos recursos; são movimentos pela reapropriação social da natureza vinculados a processo de democratização, à defesa de seus territórios, de suas identidades étnicas, de sua autonomia política e sua capacidade de autogerir suas formas de vida e seus estilos de desenvolvimento. São movimentos que definem as condições materiais de produção e os valores culturais das comunidades locais. (LEFF, 2002:114).

Em resposta às intempéries propiciadas pelo sistema capitalista, o movimento socioambiental deu concretude ao ecologismo popular que é sustentado pelo saber tradicional sobre o manejo dos recursos (Alier, 2007:67). Pode ser que muitas das famílias com as quais tivemos oportunidade de conhecer, nunca tenham ouvido a palavra ecologia ou ecologismo, porém são na realidade grandes ambientalistas, porque são protagonistas no processo de conservação/preservação da natureza, praticantes da cultura local que valoriza e considera a biodiversidade.

A ação de um desses grupos é consequência de uma formação baseada em uma relação específica com a natureza, pois, além do poder organizativo necessário à sobrevivência das condições de vida das famílias lavradoras. Pode-se citar como outra forte característica das famílias estudadas, a prática da agroecologia como um modelo que faz contraponto à agricultura convencional.

A partir da década de 1970, a agroecologia com metodologia de trabalho e de compreensão da natureza foi mais difundida, o que contribuiu fortemente no incentivo pela sociedade à valorização da relação produção/consumo que leve em conta aspectos ecológicos. Os conceitos e práticas no campo da agroecologia contribuíram também

para inovações e a valorização da cultura de povos tradicionais quanto aos saberes relativos ao uso da terra.

### **O extrativismo e a agricultura familiar nas áreas de várzea e de terra firme da região tocantina**

Inúmeros autores que discutem a agroecologia consideram a importância dos conhecimentos relacionados à agricultura das populações tradicionais. Na sociedade atual em que o referencial produtivo é a indústria, o exemplo do Seu Vicente (agricultor em Cametá) pode ser o tipo de ação a ser valorizada cada vez mais:

*Eu cultivo tudo orgânico [...] Eu atendo a panela eu atendo os vizinhos e ainda vendo, que dá pra comprar o pãozinho pros meninos comer. E ali é uma pimenta de cheiro que você vê, é muito mais procurada, cheguei na feira e vendi rapidola. (...) Tomate aqui pra nós é difícil é preciso usar química, não tem pra onde... Porque esse solo aqui além de ser fraco, é um solo muito quente e se não usar química no tomate, não consegue. Então, de preferência, não plantar (o tomate), mas também não usar a química. Olha a gente planta a banana, o maxixe, a pimenta de cheiro... A gente planta esse tipo de coisa pra alimentação própria, bem difícil a gente vender. Até a própria farinha, a mandioca que a gente planta, a gente só vende por encomenda. Quando é assim, se, tem alguma coisa ou pra comprar ou pra pagar, a gente faz e, só vende aquela quantia... Tendo encomenda a gente vai pôe aquele pouco de mandioca faz a farinha e vende. Mais é pra alimentação, pra dá pra amigo. Mas só que nesse dar, a gente recebe melhor do que a gente vende. Porque quando a gente nem espera, vem um peixe, vem um camarão... A gente vive fazendo intercâmbio... Fui um dia desses na casa da minha irmã, e lá ela tem dois pés de dendê, os cirimbabos (animais de pequeno porte) dela, eles, passam o dia todo ao redor daquela árvore ali, comendo dendê, aí eu perguntei pra ela assim: Qual a importância que tem essas duas árvores aí? Ela falou: É um grande alimento pras galinhas, isso aí é danado pra engordar. De lá eu trouxe umas mudinhas, eu vou plantar e vou fazer ração alternativa pras galinhas. Eu sou da terra firme... Eles (pessoas da região que exploram madeira) não acreditam que o desmatamento tá fazendo dano, mas... Eles estão vendo o dano acontecer. O rio Tocantins tá secando... Em 80, eu me lembro quando eu ia mariscar com o meu pai, a gente falava com o pescador... Ele dizia assim: Olha, nessa parte ele dá doze braças de maré seca, que a gente fala maré baixa, hoje tá ilha... Varadores (conexões entre os rios) que tinham para adiantar a viagem, hoje não vara... A sequêz (falta de água) tá trazendo essa dificuldade... Igarapés tão secando, mesmo assim eles não acreditam que a devastação, ela esteja prejudicando. Além de que a caloria está insuportável. [...] pra gente*

*perder toda essa água que nós temos aqui, não precisa trinta anos, se o povo não se conscientizar... No nosso terreno lá da beira onde a mamãe tem uma casa, tem um pé de virola. Ih! Dezenas de pessoas já foram lá pra comprar; não, não venda, deixa ficar, isso daqui mais tarde, os seus bisnetos, os seus netos vão conhecer, eu disse pra ela. [...] O que mais causou isso (o desmatamento) foi uma fábrica de carvão, porque a fábrica de carvão leva vara, leva pau grande, leva tudo que tiver pela frente [...] Não teria problema ter uma fábrica de carvão aqui, mas se atrás viesse a recuperação das áreas e não estaria como está hoje. (Vicente - presidente da Casa Familiar Rural de Cametá).*

A partir do discurso do seu Vicente, não necessita explicar muito que se trata de uma categoria peculiar, um estilo de vida diferente das populações urbanas. Não se está falando de povos primitivos nem restritamente de camponeses que estão voltados exclusivamente para uma produção para alimentar o comércio. As famílias da região do baixo Tocantins (de várzea e de terra firme) ainda possuem forte em seus costumes o hábito extrativista, sua produção baseada no trabalho familiar e de pouco excedente.

Pode-se afirmar que essas características são resultantes de uma visão complexa do ambiente que contempla o pensamento agroecológico. De acordo com Altieri (2000):

Trata-se de uma nova abordagem que integra os princípios agrônômicos, ecológicos e socioeconômicos à compreensão e avaliação do efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo. Ela utiliza os agroecossistemas como unidades de estudo, ultrapassando a visão unidimensional – genética, agronomia, edafologia – incluindo as dimensões ecológicas, sociais e culturais. Uma abordagem agroecológica incentiva os pesquisadores a penetrar no conhecimento e nas técnicas dos agricultores e a desenvolver agroecossistemas com uma dependência mínima de insumos agroquímicos e energéticos externos. O objetivo é trabalhar com e alimentar sistemas agrícolas complexos onde as interações ecológicas e sinergismos entre os componentes biológicos criem, eles próprios, a fertilidade do solo, a produtividade e a proteção das culturas. (ALTIERI, 2000:18).

### **As famílias, a farinha, o açaí e o peixe**

A farinha, o açaí e o peixe são três produtos que constituem a principal refeição diária das famílias do baixo Tocantins. E esses produtos constituem a base da economia local e são obtidos diretamente pelos agricultores familiares.

Há poucos anos, em função da pressão de outras regiões sobre o consumo do palmito do açaí, a extração do produto, foi uma prática comum na região de Igarapé Miri e Cametá. Essa atividade se deu na região de forma desordenada e causou um

grande impacto, pois as palmeiras que eram tombadas sem manejo agrícola e, essa atividade também acelerou o processo de desequilíbrio ecológico e empobrecimento das plantas no ambiente.

Atualmente a coleta de frutos do açazeiro é o principal meio de exploração agrícola para as famílias. O fruto do açaí é a base da economia familiar nas áreas de várzea nos dois municípios e o principal alimento para as famílias. O maior problema identificado na região quanto à cadeia produtiva do açaí diz respeito ao armazenamento, beneficiamento e comercialização. Os principais limitantes na cadeia produtiva compreendem a falta de energia elétrica (algumas casas têm energia que é gerada por baterias ou geradores), porque do fruto tem alto poder perecível após sua coleta. As famílias vendem o fruto para atravessadores a preços mais baixos e os atravessadores levam o açaí para fábricas locais ou empresas localizadas na capital Belém.

Ter o açaí na mesa todos os dias é algo comum e natural. Poder degustar o “vinho” do açaí (polpa do fruto, diluída em água) é um prazer que os membros das famílias não abrem mão. No dia que falta açaí as crianças não comem direito, faltam mais sorrisos nos lábios dos adultos e o que sobra é pensamento positivo para que no dia seguinte tenha açaí suficiente para todos.

Nas áreas de terra firme são comuns as espécies vegetais de grande porte como as castanheiras, cupuaçu, bacuri. Os animais da floresta (como capivara, tatu, jaboti, paca) têm um importante papel na alimentação dessas populações. Também a maioria das famílias que habitam as terras altas, onde cultivam a mandioca, produto em que se obtém o principal produto agrícola que é a farinha. Da mandioca também pode ser feito beju, bolo, tapioca.

A farinha da região é fruto do trabalho familiar. As famílias, observadas, atuam em todo o processo, desde o plantio até a obtenção do produto, o preparo da farinha é artesanal e de pequena escala. A farinha é um dos principais produtos comercializáveis, ou é vendida em geral para comerciantes de feiras livres e clientes, ou trocada entre famílias vizinhas.

Nas localidades de Cametá e Igarapé-Miri, geralmente os ribeirinhos são pescadores artesanais. A pesca é tão importante quanto o extrativismo vegetal bem como as demais atividades produtivas como: criação de pequenos animais e a agricultura de subsistência.

No município de Cametá foi observada a organização dos ribeirinhos em relação à pesca. Esta é realizada pelos “acordos de pesca” que é resultante do processo de

discussão entre eles próprios. Na região de Cametá, por exemplo, existe a Acopremarj (Associação Comunitária de Preservação do Meio Ambiente do Rio Jorocazinho) que direciona as discussões do acordo de pesca. Este acordo é regido pelas regras básicas: a) apetrechos de pesca que diz respeito ao tipo de instrumentos podem ser utilizados na pescaria, pescar sem usar instrumentos predatórios; b) local de pesca, que regulariza a prioridade da pesca para os ribeirinhos que participam do acordo em suas comunidades; c) estação do ano, evitando a pesca na época de reprodução dos peixes. Essas iniciativas de organização comunitária em função da conservação do Rio surgiram por causa da escassez de alimento que foi submetida às populações ribeirinhas. Elas afirmam que a falta de peixe nos rios da região se intensificou após a construção da hidrelétrica de Tucuruí. (Revista II, 2005: 31, 34,36).

Atualmente a piscicultura está sendo uma alternativa estão sendo construídos artesanalmente pelas famílias das áreas de várzea os tanques para criação de peixes. E o investimento na criação de peixes é diretamente para a alimentação das famílias, pois a pesca nesta região é limitada devido a movimentação do nível do rio durante o dia. A diferença do nível das águas do rio é utilizada para abastecer os tanques. Quando o nível das águas do rio está alto, é aberto o canal que faz conexão com o tanque de piscicultura. Após encher o tanque, o canal é fechado para manter o nível de água no tanque e, a água do rio baixa. Quando o nível das águas do rio sobe, novamente é aberto o canal a renovação da água no tanque, assim é realizada a oxigenação da água do tanque.

No campo produtivo os principais conflitos identificados são as pressões das demandas agrícolas externas (os produtos para atender a demanda de mercado) frente a necessidade de atender as demandas agrícolas locais (produtos para atender a demanda alimentar das famílias). Viu-se que os estudantes bem como seus familiares anseiam aperfeiçoar técnicas de cultivo de produtos de seu consumo diário que atendem aos seus aspectos culturais de consumo.

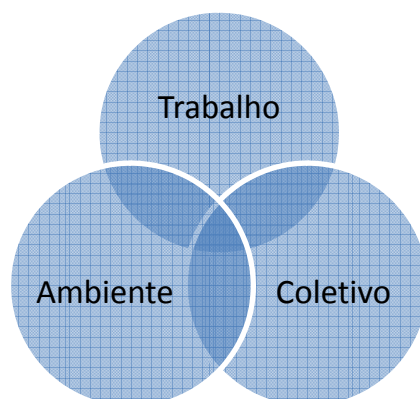
### **A relação com a natureza que origina o modelo de educação exercido nas Casas Familiares Rurais**

A natureza para as famílias lavradoras e extrativistas, citadas neste trabalho, é também fonte de aquisição de recursos necessários, obtidos por meio do trabalho em coletivo. Na região tocantina, foi observado durante pesquisa de campo que, a *família* representa um fenômeno social facilmente observável e, esta constitui a unidade base das relações sociais. Nas localidades estudadas, a família é a principal instituição que



agrega seus membros e que permite um caráter diferenciado das relações. Elas propiciam o diferencial nas relações internas (entre os próprios membros de uma determinada família) e externas (entre famílias). Há uma espécie de pacto, os integrantes de cada família são geralmente cúmplices nas atividades do dia-a-dia; por exemplo: pescam juntos, vão para a roça juntos, partilham o alimento, bem como o espaço doméstico (geralmente os membros da mesma família moram todos na mesma casa ou bem próximos uns dos outros).

A partir dessa relação, vê-se então, um estilo de vida das famílias baseado na relação:

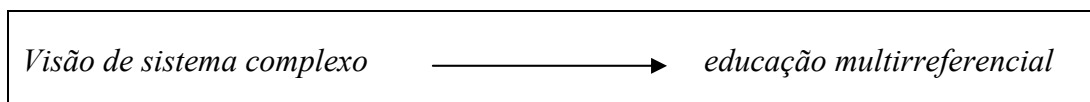


Pelo contexto acima citado, os lavradores e lavradoras organizam em coletivo as questões relacionadas ao trabalho e a utilização do ambiente. Esse modelo organizativo das famílias lavradoras é exemplificado aqui pela estruturação das Casas Familiares Rurais e pelas outras instituições sociopolíticas existentes. Pois, para cada Casa Familiar Rural funcionar é necessário que, um grupo de famílias seja responsável pela discussão e fundação de uma associação que, será considerada a principal instituição de gestão e de liberações na gerência da Casa Familiar Rural.

As famílias, e seus sistemas de necessidades baseadas nos recursos em que o ambiente oferece, constituem uma visão do complexo: homem–natureza que diretamente está ligado ao contexto das Casas Familiares Rurais. Pois, afirma-se que as *Casas*, em discussão, são (re)significações do entendimento das famílias quanto a *visão complexa das famílias em relação à natureza*.

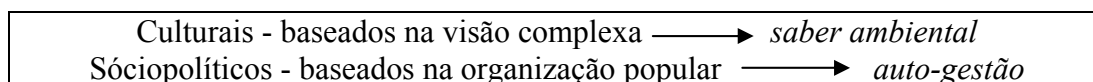
Ao considerar o seu ambiente complexo, as famílias concretizam a educação multirreferencial. E como foi visto no discurso dos lavradores e das lavradoras, o saber se faz na realidade por uma visão complexa e democrática. Este saber do complexo está baseado no saberes culturais das famílias, no saber do cotidiano que dá retornos às situações da realidade.

Foi possível perceber que as Casas Familiares Rurais são experiências que têm como a matriz a visão complexa do conhecimento do ambiente (considerando ao máximo seus elementos) e que esta visão é estendida ao modelo de educação:



É no contexto de uma relação complexa com a natureza que nasce o projeto das Casas Familiares Rurais que para a grande maioria das famílias participantes. A autonomia e compromisso social e político é perceptível quando as famílias que moram em áreas longínquas encontram-se nas reuniões das associações das *Casas* para conversar e decidir formalmente os seus pontos de vistas, exporem suas críticas e proposições.

A visão sistêmica e ecológica das famílias é caracterizada pelos aspectos da cultura das famílias e esta visão contempla o *saber ambiental* que articula outros processos materiais e simbólicos (Leff, 2001:423). Neste sentido analisa-se este aspecto por meio de uma relação simplificada, baseadas nos elementos:



O projeto das Casas Familiares Rurais ainda encontra-se em construção, principalmente porque valoriza e respeita as peculiaridades das famílias protagonistas e a realidade sócio-ambiental em que essas vivem. Esse processo construtivo revela um e um conjunto de desafios e possibilidades, ao mesmo tempo em que as famílias protagonistas desse processo têm a clareza do modelo de educação que elas almejam para os seus filhos.

## **Conclusões**

O método da Pedagogia da Alternância estabelecido nas Casas Familiares Rurais oferece grandes possibilidades de adaptação às características culturais e aos objetivos das famílias. Além disso, este modelo pedagógico está diretamente adaptado às condições e possibilidades do ambiente rural.

A relação homem-natureza exercida pelas famílias lavradoras são peculiares quanto ao uso coletivo dos recursos naturais e das relações de trabalho. Esta relação com a natureza é caracteriza por uma visão complexa do ambiente e, uma visão

resultante da cultura. A visão complexa é importante influenciadora na origem do modelo educativo exercido nas Casas Familiares Rurais.

Observamos com alguns exemplos de associações de extrativistas que as terras e os rios são tidos como ambientes sociáveis. Dessa forma de entender a natureza, o uso dos recursos naturais é baseado no modelo de extrativismo vegetal e animal. A família, naquela região, constitui a principal unidade representativa socialmente. Isso é observável na organização básica da agricultura; da pesca; da representação política, religiosa e esportiva.

Pode-se afirmar que as Casas Familiares Rurais hoje representam um portal de transformações e provavelmente continuará sendo o ambiente de refazer o poder de vez e de voz de uma categoria específica - as famílias lavradoras. Confirmamos que as famílias lavradoras são responsáveis pela conquista e ao mesmo tempo, estejam exercendo um modelo de educação almejado pelos grandes pensadores da educação. Um modelo educativo que incorpora aspectos sociais e culturais de uma população, baseada na participação desta e na construção coletiva do processo do pensar e do fazer o seu próprio futuro.

### **Bibliografia**

ALIER MARTÍNEZ, Joan. **O Ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagens de valoração**. Tradução Maurício Waldman. São Paulo: Contexto, 2007.379 páginas.

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 2ª ed. Rio Grande do Sul: Editora da Universidade, UFRGS, 2000. 110 p.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1998. **O Trabalho do Antropólogo**. Brasília. São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unesp. 220 pp.

CASTRO, E. R. **Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais. In: Etnoconservação novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. Antonio Carlos Diegues. (Org.) HUCITEC/NUPAUB-USP. São Paulo, 2000.

HÉBETTE, J. **Cruzando a fronteira: 30 anos de estudos do campesinato na Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2004. vol. III.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Tradução de Lúcia Mathilde Endliche Orth – Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. 494 p.

LEIS, Héctor R. (org). **Ecologia e Política Mundial**. Vozes: Rio de Janeiro. 1991.

WALDMAN, Maurício. **Meio ambiente & antropologia**. Série meio ambiente, 6. São Paulo. Editora: Senac São Paulo, 2006.232p.

Revista:

As experiências nas localidades de Joroça de Baixo e Cuxipiari Carmo. Revista II, dezembro, 2005.